

## António Pedro Dores

---

**Assunto:** FW: sumario 2

**De:** Nicholas McNair <gentlemuse@gmail.com>

**Enviada:** 11 de outubro de 2018 12:01

**Para:** António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>

**Cc:** Miguel Ângelo Lopes <Angelo\_Lopes@iscte-iul.pt>; Susana Santos <susanacsantos@iscte-iul.pt>

**Assunto:** Re: sumario 2

Ótimo, também aqui concordo com muito que dizes. Mas "A subjectividade é formada objectivamente pela experiência de vida de um ser particular" é uma proposta, não é a realidade. A realidade é subjectiva/objectiva, não pode ser uma sem ser a outra - esta é a minha contra proposta! Também dizes que a música não é luz artificial: como é que tens certeza disso? Quem é que te ensinou isto? Os grandes filósofos da geração do Hegel e depois pesquisavam exactamente esta questão, porque a separação cartesiana que ainda existe no Kant já não satisfazia. Não estamos aqui a falar de uma questão burguesa.

On Thu, 11 Oct 2018 at 11:15, António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)> wrote:

Perdoem-me se sou um chato. Mas já que escrevi o que se segue, envio-vos:

A objectividade das ciências sociais: o conhecimento sobre formas de convivialidade

Não faz sentido imaginar uma objectividade sem subjectividade: nada pode ser certo sem um júri capaz de discernir o que é e não é certo. Mas também não existe subjectividade sem objectividade: a sociabilidade espontânea e indispensável para a espécie humana, sem a qual seríamos animais incapazes de criar, como a generalidade dos outros animais, implica que alguma coisa prática pode ser concertada entre diferentes pessoas, como o mostra a experiência.

A subjectividade é formada objectivamente pela experiência de vida de um ser particular, cuja existência depende profundamente das suas relações sociais, de que resultam as disposições incorporadas no convívio com parentes, amigos, ambientes sociais em que participa ou imagina participar, e os hábitos criados em parceria com quem coabita e trabalha. É evidente que ter nascido onde se nasceu tem impactos fortes e irremediáveis nas opções religiosas, estéticas e profissionais de cada um, por exemplo. O que não quer dizer que haja alguma possibilidade de alguém viver sem a sua própria subjectividade, sem os seus próprios sentimentos, sem a sua própria consciência, todos singulares.

Há um dilema de um filósofo grego que diz que, logicamente, nunca ninguém pode acabar um movimento. Para fazer um movimento, uma pessoa terá de passar por cumprir metade desse movimento. Aí chegado, o mesmo problema se coloca: para acabar um movimento, todos temos primeiro que cumprir metade desse mesmo movimento. Por muito pequeno que seja o movimento, a mesma exigência lógica pode ser feita. No limite, a necessidade de passar por metade do movimento antes de o realizar completamente, impossibilita a concretização de qualquer movimento. Incluindo a metade desse movimento.

O que parece ser estúpido e separar radicalmente o pensamento da experiência pode, todavia, ser útil, um dia. É o caso de um matemático que, irritado com o utilitarismo dos seus colegas, decidiu entreter-se a fazer alguma coisa sem utilidade nenhuma. Decidiu organizar sistemas aritméticos em diferentes bases, em particular, o sistema aritmético binário. Séculos mais tarde, esse trabalho constituiu a base intelectual do mundo digital, dos computadores, que hoje temos.

Tratam-se de jogos de palavras que mobilizam a nossa consciência mecânica e as regras que com ela aprendemos para descrever mentalmente movimentos que não existem. A maioria desses jogos são simples passatempos, como aqueles que se faziam nas cortes setecentistas e oitocentistas para distrair os aborrecidos cortesãos. Nalguns casos, porém, um dia, a imaginação que tais jogos despertaram tornam-se pragmáticos, para iluminar as cidades ou para criar um novo mundo no ciber espaço.

A música pode inspirar militares e revolucionários, jovens e velhos, mas não oferece luz artificial.

O que é objectivo em certas circunstâncias, aquilo que é acertado e faz sentido, por ser verdade ou por ser útil, não o é noutras circunstâncias, porque as circunstâncias mudaram. Aquilo que é verdade aqui e hoje pode não o ser amanhã ou noutra lugar. Porém, há coisas que são verdade de uma forma mais extensa que outras. A ciência é precisamente a arte de produzir teorias verdadeiras, independentemente da sua eventual utilidade, saberes mais resilientes às diversidades de experiências humanas, testando raciocínios absurdos, ilógicos, criativos, que a maior parte do tempo falham em ser verdadeiros ou úteis para melhor representar a realidade. A vantagem da ciência é ser persistente e sistemática. De tanto errar, o que resulta, de quando em vez, são representações intelectuais inovadoras, criativas, susceptíveis de resolver problemas concretos e orientar a produção de tecnologias. Eventualmente, caso houvesse ciências sociais científicas, orientar a produção de formas melhores de convivalidade. Como serão, seguramente, as convivalidades anti-imperiais.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores  
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)  
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

Concordo com uma grande parte daquilo que dizes. Quando falo da religião da ciência estou a falar mais a nível pedagógica, se calhar - tens toda a razão quanto à comunidade científica no seu todo frente à política. O problema aí (portanto fora do ensino) pode ser a corrupção de fora (com dinheiro) ou de dentro (o desejo de fazer boa figura em vez da ciência). Eu vejo sempre sementes de tudo na psicologia de cada um - e já agora quando falo da psicologia não estou a falar da disciplina praticada nas universidades que pouco tem a haver ainda com o assunto, e também não me inspiro no Jung mas sim leio com alguma satisfação.

---

**De:** António Pedro Dores

**Enviada:** 11 de outubro de 2018 11:04

**Para:** 'Nicholas McNair' <[gentlemuse@gmail.com](mailto:gentlemuse@gmail.com)>

**Cc:** Miguel Ângelo Lopes <[Angelo\\_Lopes@iscte-iul.pt](mailto:Angelo_Lopes@iscte-iul.pt)>; Susana Santos <[susanacsantos@iscte-iul.pt](mailto:susanacsantos@iscte-iul.pt)>; Guilherme Gomes <[gmcfg@iscte-iul.pt](mailto:gmcfg@iscte-iul.pt)>

**Assunto:** RE: sumario 2

Estive a ver os slides que enviaste do Jorge Correia. Ele trata de como organizar o conhecimento e a prática pedagógicas numa escola de artes. A mim parece-me despropositado chamar a ciência aí, a não ser como contributo de formação geral e de base, sobretudo para orientar o trabalho docente, sobre como a mente e o

corpo trabalham e, também, como se organizam socialmente. A arte não é e não deveria pretender ser ciência. Estou 100% contigo, nisso.

Mas isso não é um efeito da ciência. Isso é efeito de quem chama a ciência ao ensino das artes.

Quem está a fazer da ciência uma religião pode bem ser quem entende dever comparar o ensino das artes ao ensino das ciências. Eu prefiro distingui-los com toda a clareza. Espero que seja isso que se faz com estes slides. Em todo o caso, isso revela a comparação de prestígio entre os docentes das áreas artísticas e as áreas científicas. O maior prestígio profissional dos segundos contrasta com o facto de a arte estar menos dependente do ensino do que a ciência. A arte tem, evidentemente, muito mais prestígio social do que a ciência. E esta mais prestígio do que a política. Porque a arte é empática com as pessoas e a ciência é antipática; a política é imperial.

Por mim, relativamente àquilo que conheço melhor, acho que se faz no ensino das ciências sociais alguma coisa parecida com o que se possa estar a fazer no ensino das artes: ensinar ideologia e filosofia como se fossem ciência.

Tal prática tem o enorme problema de, como se pretende esconder o que efectivamente se está a fazer, os seus praticantes se tornam vigaristas profissionais, ilusionistas, que falam de uma coisa e dizem que estão a falar de outra. Extraordinário é ver professores envolvidos em partidos políticos dizerem aos seus colegas que deveriam abster-se de serem activistas políticos ou sociais, enquanto cientistas.

A subjectividade, nos termos das tendências pós-modernas nas ciências sociais que contestam precisamente a autoridade da objectividade, tornou-se uma forma de transformar as ciências sociais em arte. Quando, a meu ver, o que é preciso e importante é continuar o caminho de criação de um campo de atenção científica sobre o social, sem o qual estamos mais perdidos do que poderíamos estar se tivéssemos produzido conhecimentos científicos sobre o social.

A meu ver, o autoritarismo ideológico e o obscurantismo filosófico praticados pelas ciências sociais devem ser combatidos por exigências de tipo científico e não por dispersões de tipo artístico. As primeiras precisam e criam um espaço de oposição, favorável à transformação social e à evolução não destrutiva. As segundas são modos facilmente recuperáveis pelas classes dominantes de sobreviver como bobo da corte.

Por exemplo, se compreendêssemos como alimentar sentimentos de retaliação é bio-socialmente venenoso, o uso dos sistemas de criminalização que justificam e sustentam a produção social da miséria, como forma de ajudar a manter as elites, desviando as atenções populares das responsabilidades assumidas formalmente mas negadas na prática, talvez pudesse ser denunciado publicamente. Ao contrário, o facto de ser impraticável a denúncia das torturas quotidianas praticadas nas prisões, é uma contribuição emocional e social para se estar na situação de assistir à onda fascista que se avoluma irremediavelmente – alimentada pela democracia e pela estupidez ignorante de estados vingativos e exploradores (imperiais).

Quando me dizes que há uma religião da ciência, o que eu vejo – a respeito do aquecimento global, por exemplo – é a vitória política irracionalista dos negacionistas, com resultados práticos evidentes. A ciência avisou e foi simplesmente calada com base, exactamente, no teu argumento de afinal ser tão subjectiva como outra coisa qualquer. O que mais do que um erro é falso e destrutivo.

A própria arte funda-se na objectividade. Funda-se na repetição de gestos, sons, imagens, que produzem prazer ou não. E que, mais que isso, reproduzem prazeres, quando o artista e o seu público se sintonizam a partir de experiências estéticas similares. Claro que o artista procurará dar à sua arte um cunho pessoal, que resulta (ou não) num prazer suplementar para o público. Mas sem a base de uma linguagem estética partilhada, aprendida, objectivada ao longo de muitas e muitas performances anteriores, nenhum suplemento de subjectividade funciona, a não ser como isolamento social.

A troca de ideias entre o ensino das artes e das ciências sociais pode ser interessante.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)  
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

Trilogia de estados de espírito & Escola para lá das ciências sociais

**De:** Nicholas McNair <[gentlemuse@gmail.com](mailto:gentlemuse@gmail.com)>

**Enviada:** 11 de outubro de 2018 09:30

**Para:** António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)>

**Cc:** Miguel Ângelo Lopes <[Angelo\\_Lopes@iscte-iul.pt](mailto:Angelo_Lopes@iscte-iul.pt)>; Susana Santos <[susanacsantos@iscte-iul.pt](mailto:susanacsantos@iscte-iul.pt)>

**Assunto:** Re: sumario 2

Of course I am not against science or the scientific method, I am merely pointing out its limitations, which has become very difficult to do given the gigantic assumptions made on behalf of the "religion" of science. Science is a theory, which seeks to come ever closer to reality. But we humans have other ways of achieving sociability and knowledge which are much older and more profound than what is now labelled science.

You, António, are an excellent example of what real knowledge is when you talk about prisoners. You have something real to share with us, not so much because of your theories about imperialism, but because of your personal experience and empathy with prisoners. Through empathy we can truly reach others. With theories we can awaken a common bond of understanding, but that does not substitute empathy, although it can add to it. Empathy does not come via the brain - we feel it.

For a very long time science and philosophy dismissed feelings as inferior forms of being, and this opened the door to mental manipulation which is observable everywhere. If thoughts are superior to feelings, then we live truly in the negative empire you speak of. But if we trust our own capacity to feel, and can learn how to develop this capacity in a positive direction, then there is hope. Knowledge without feeling is either useless or positively dangerous, because it is unconsciously oppressive. When we say we know something, to serve a story we are telling about the world, we are ignoring another part of the truth that needs to be told by somebody else. We can hear other people's stories through empathy - it is our own theories that isolate us.

This is what puts the lumen naturae of the alchemists above the lumen naturale of Descartes - they (the alchemists) knew that we need every part of ourselves in the pursuit of real knowledge, otherwise ratio becomes explo-ratio.

On Wed, 10 Oct 2018 at 08:05, António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)> wrote:

Se quiseres, podes escrever em inglês porque todos lemos inglês. Agora que a ciência é o lado obscuro da vida, por oposição à arte, acho difícil. Porque a ciência e a arte são especializações da mesma coisa: a capacidade de imaginação humana aliada à sua capacidade de manipulação.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores  
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)  
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

Trilogia de estados de espírito & Escola para lá das ciências sociais

**De:** Nicholas McNair <[gentlemuse@gmail.com](mailto:gentlemuse@gmail.com)>  
**Enviada:** 9 de outubro de 2018 22:37  
**Para:** António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)>  
**Assunto:** Re: sumario 2

Em vez de responder directamente ao teu análise neste momento estou a enviar em anexo um pequeno documento (originalmente slides) que sugere talvez melhor que eu (há sempre o problema da língua e este está em português por um português) uma parte importante da linha geral que queria traçar. Eu tentei em termos históricos, este (Jorge Salgado Correia) faz propostas, basicamente em torno da questão do corpo como base necessária de conhecimento, e a "subjectividade". Veja p9: "Não há assim, nem pode haver, correspondência entre teoria e verdade, uma vez que os conceitos metafóricos são inconsistentes com uma perspectiva do mundo como uma estrutura única, absolutamente objectiva, da qual se possa ter um conhecimento absolutamente correcto e objectivo."

Quanto às tuas referências ao Rabelais (via Bakhtin), a questão encaixa-se directamente no que eu estava a contar - nomeadamente que uma cultura humanística baseada em imagens (Arte de Memória I) que florescia até final do século XVI (Shakespeare marca mais ou menos o fim), foi suprimida em larga escala por outra baseada em conceitos (Arte de Memória II), que deu origem aos movimentos científicos do século XVII. A evolução neste caso tem os seus custos! Com certeza sempre tem...

Abraço

Nicholas

On Tue, 9 Oct 2018 at 11:24, António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)> wrote:

Obrigado. Certamente a minha má interpretação também terá responsabilidades no caso da minha transcrição não ser fiel às tuas intenções. Até breve.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)

[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

Trilogia de estados de espírito & Escola para lá das ciências sociais

**De:** Nicholas McNair <[gentlemuse@gmail.com](mailto:gentlemuse@gmail.com)>

**Enviada:** 9 de outubro de 2018 11:17

**Para:** António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)>

**Assunto:** Re: sumario 2

Olá António,

Muito obrigado pela tua interpretação, que em vários aspectos é bastante longe das minhas intenções, e por isso não deixa de ser bastante útil na identificação de malentendidos devidos à minha má comunicação!

Respondo em breve,

Abraço

Nicholas

On Tue, 9 Oct 2018, 08:06 António Pedro Dores, <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)> wrote:

Caros amigos,

Aqui vai o meu sumário. Aceito comentários e críticas, como aconteceu de forma útil a semana passada.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)

[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

Trilogia de estados de espírito & Escola para lá das ciências sociais